



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

Ruibergue Souza Pereira

A CHEGADA DO ADVENTISMO EM JACOBINA-BAHIA (1980)

JACOBINA-BA, 2025

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

Ruibergue Souza Pereira

A CHEGADA DO ADVENTISMO EM JACOBINA-BAHIA (1980)

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas- Campus IV, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Valter Gomes Santos de Oliveira

JACOBINA-BA, 2025

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma atitude profundamente admirável. Acredito que o agradecimento seja, de fato, a memória do coração, um reconhecimento daqueles indivíduos importantes que nos impactaram positivamente. Primeiramente, expresso minha gratidão a Deus pelo dom da vida, pelas bênçãos concedidas e pela oportunidade de finalizar esta pesquisa.

Agradeço, primeiramente, à minha família, meu alicerce, minha inspiração e fonte inesgotável de apoio e motivação. Deixo um agradecimento especial ao meu pai, Adélio por me servir como exemplo de dedicação e honestidade. À minha mãe Angela por me fazer sempre acreditar que a realização dos sonhos é possível, por suas constantes orações e por sua alegria diante das minhas conquistas. A minha amada esposa Micaelle, dedico minha profunda gratidão pelo companheirismo, paciência e cumplicidade demonstrada ao longo dessa jornada em nossa vida a dois. Por ser minha grande incentivadora, por vibrar diante de cada vitória. Por fim, aos meus irmãos e irmãs, agradeço pelo incentivo e apoio constante; por me ensinar a perseverar e acreditar em meu potencial, pela devoção a Deus, vocês são de fato, meus melhores amigos e amigas.

Agradeço de forma especial a Edvaldo Barbosa de Araújo (Tiquinho), José Pereira da Silva e Nelson Costa Ribeiro por terem dedicado de forma generosa parte de seu tempo concedendo entrevista e me receberem em seus lares de maneira tão carinhosa, dispostos a colaborar com minha formação e com esta pesquisa,

Agradeço a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em especial ao Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, assim como aos professores, técnicos e estudantes dessa instituição.

Gratidão especial ao professor Valter Oliveira, por ter aceitado o desafio de mim orientar, pela paciência diante de um dos momentos mais difíceis da minha vida, pelo incentivo, atenção e dedicação dispensadas a essa pesquisa, agradeço por ter compartilhado suas ideias para o enriquecimento da mesma, meu muitíssimo obrigado!

Agradeço a minha turma, as trocas de conhecimento e os laços de amizade que criamos. Em especial Ana Claudia, Andrea Menezes, Carla Fonseca, Igor Luz, Pedro Aragão; que caminharam sempre ao meu lado, e com os quais compartilhei momentos de alegria, aprendizagem, angústias e vitórias. Vocês são especiais! Cada um com seu jeito especial de ser, fez dessa jornada uma grande lição de vida. Que nossa amizade seja pra toda vida.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa pesquisa, meu muito obrigado! Que Deus abençoe cada um de vocês

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa é compreender o processo de inserção e expansão da atuação do adventismo em Jacobina - Bahia, evidenciando suas práticas, discursos e formas de participação social, articulando esses elementos ao contexto mais amplo do pluralismo religioso baiano. A pesquisa apresenta os principais elementos históricos do adventismo, movimento surgido nos Estados Unidos no século XIX, marcado pelas expectativas milenaristas e pela reorganização doutrinária posterior, e discute como essa denominação se consolidou enquanto expressão religiosa no cenário baiano. A metodologia combina pesquisa bibliográfica, análise documental e uso de fontes orais, por meio de entrevistas com membros e líderes, o que possibilita reconstruir memórias e experiências que não aparecem nos registros oficiais. O estudo contribui para o campo da História das Religiões ao oferecer um olhar específico sobre a presença adventista na Bahia, enriquecendo a compreensão da pluralidade religiosa brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: pluralidade religiosa; protestantismo; Adventismo; Jacobina; fontes orais.

ABSTRACT

The central objective of this research is to comprehend the process of the Seventh-day Adventist Church's insertion and expansion in Jacobina, Bahia, highlighting its practices, discourses, and forms of social participation, and articulating these elements to the broader context of Bahian religious pluralism. The research presents the main historical elements of Adventism, a movement that emerged in the United States in the 19th century, marked by Millerite expectations and subsequent doctrinal reorganization, and discusses how this denomination consolidated itself as a religious expression in the Bahian scenario. The methodology combines bibliographic research, documentary analysis, and the use of oral sources, through interviews with members and leaders, which makes it possible to reconstruct memories and experiences that do not appear in official records. The study contributes to the field of History of Religions by offering a specific view of the Adventist presence in Bahia, enriching the understanding of Brazilian religious plurality.

KEYWORDS: religious plurality; protestantism; adventism; Jacobina; oral sources.

LISTA DE ABREVIACÕES

IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ABBI – Associação Brasileira do Bem-Estar Integral

SBB – Sociedade Bíblica do Brasil

SAC – Serviço de Atendimento ao Cidadão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	11
O SURGIMENTO DO ADVENTISMO.....	11
1.1 A religião entre o sagrado e o social.....	11
1.2 O movimento milerita e a trajetória de Guilherme Miller.....	12
1.3 Origens do Adventismo do Sétimo Dia e sua chegada ao Brasil.....	17
CAPÍTULO II.....	23
ADVENTISMO EM JACOBINA.....	23
2.1 Protestantes na Bahia.....	23
2.2 A inserção do adventismo na Bahia.....	25
2.3 A implantação do adventismo em Jacobina: agentes e estratégias.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
FONTES.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender o processo de inserção e expansão do adventismo no município de Jacobina-Bahia, nas décadas de 1940-1980, destacando suas práticas, discursos, agentes e estratégias, e situando essa trajetória dentro do contexto mais amplo do campo religioso baiano e do desenvolvimento do protestantismo no Estado. Ao analisar esse percurso, o estudo procura mostrar que a presença adventista na região não pode ser entendida de forma isolada, mas como parte de dinâmicas históricas, culturais e sociais que moldaram a religiosidade baiana ao longo do tempo.

A História das Religiões constitui um campo de estudo que busca compreender como diferentes sociedades constroem crenças, ritos e modos de relação com o sagrado. Desde tempos remotos, como aponta Mircea Eliade, o ser humano manifesta a necessidade de se conectar com o sagrado.¹ Huston Smith e Karen Armstrong destacam a profundidade e diversidade das tradições religiosas ao longo da história,² enquanto Justo González evidencia como o cristianismo se desenvolveu e deu origem a múltiplas correntes.³ No contexto brasileiro, e especialmente no cenário baiano, autores como Reginaldo Prandi mostram que o campo religioso sempre foi marcado por pluralidade, tensões e constantes reorganizações, o que ajuda a compreender como diferentes expressões protestantes, incluindo o adventismo, encontraram espaço para se inserir.⁴

É nesse cenário mais amplo que se insere o adventismo, movimento surgido nos Estados Unidos no século XIX e marcado por releituras proféticas, reorganização doutrinária e forte atuação missionária por meio da literatura. Sua expansão para o Brasil e para a Bahia acompanhou mudanças sociais, redes religiosas já existentes e a própria dinâmica de crescimento do protestantismo na região. A Bahia, historicamente caracterizada pela diversidade religiosa e pela convivência entre tradições católicas, afro-brasileiras e correntes protestantes, constituiu um ambiente no qual novas expressões de fé podiam se inserir, reinterpretar e ganhar forma.

Com base nessas reflexões gerais, o presente estudo analisa como o adventismo chega à Bahia, como se estabelece em diferentes localidades e, de modo especial, como se organiza em Jacobina. Esse percurso envolve práticas missionárias, circulação de literatura,

¹ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

² SMITH, Huston. *As religiões do mundo*. São Paulo: Cultrix, 1998.

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³ GONZÁLEZ, Justo L. *História do cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

⁴ PRANDI, Reginaldo. *Religião e sociedade na Bahia*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 1996.

deslocamentos de colportores⁵, encontros domésticos e esforços de membros locais que, antes da existência de uma estrutura formal, mantiveram viva a presença do movimento no município.

Metodologicamente, esta pesquisa combina levantamento bibliográfico, análise documental e o uso de fontes orais. As entrevistas realizadas com membros e líderes permitiram recuperar memórias, relatos e impressões que não aparecem em documentos institucionais, enriquecendo a compreensão do processo histórico e revelando experiências vividas pelos próprios protagonistas. A articulação entre teoria, documentação e memória possibilita observar não apenas os fatos históricos, mas também os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas trajetórias.

Por fim, o trabalho organiza-se da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta fundamentos teóricos e históricos relacionados à religião, ao cristianismo e ao surgimento do adventismo; o segundo capítulo analisa a inserção do adventismo no estado baiano e seu estabelecimento em Jacobina; e as considerações finais retomam os resultados alcançados, destacam a relevância da pesquisa e sugerem possibilidades de estudos futuros.

⁵ Colportores é um termo de origem francesa (*colporteur*), derivado da expressão *porter sur le col* (“carregar ao pescoço”), utilizado historicamente para designar vendedores ambulantes de livros e impressos. No contexto do protestantismo do século XIX, o termo passou a identificar indivíduos responsáveis pela difusão de literatura religiosa. No adventismo, os colportores desempenharam papel relevante no processo de expansão da denominação, atuando de forma itinerante na circulação de livros, revistas e folhetos, especialmente em localidades onde ainda não havia estrutura eclesiástica organizada.

CAPÍTULO I

O SURGIMENTO DO ADVENTISMO

1.1 A religião entre o sagrado e o social

Inserir os estudos sobre religião no campo histórico implica buscar compreender, nas próprias denominações, suas crenças e modos de organização, evitando reduzi-las apenas às interpretações sociológicas ou antropológicas. Trata-se de reconhecer que cada doutrina exerce influência sobre determinados grupos e indivíduos, contribuindo para a construção de novas dinâmicas sociais. Assim, estudar a religião a partir da História torna-se fundamental para perceber como as crenças se transformam ao longo do tempo e como cada sociedade reorganiza continuamente suas formas de relação com o sagrado. A religião, portanto, não pode ser tratada como algo fixo ou estático, já que se desenvolve dentro de contextos históricos específicos.

Émile Durkheim nos lembra que a religião constitui um “fato social”, acompanhando as mudanças estruturais da sociedade e, ao mesmo tempo, participando delas. Dessa forma, quando o historiador analisa práticas religiosas, não se limita à descrição de doutrinas, mas observa processos de transformação, disputas simbólicas, adaptações e permanências.⁶ Max Weber, em 1922, cerca de uma década depois de Durkheim, reforça essa perspectiva ao demonstrar como tradições religiosas influenciam comportamentos, formas de organização social e visões de mundo elementos que variam historicamente.⁷ A História, nesse sentido, permite investigar como determinados grupos reinterpretem suas crenças para responder às transformações políticas, econômicas e culturais que atravessam cada época, afastando a ideia de religiões prontas ou imutáveis.

A religiosidade, por sua vez, pode ser compreendida como uma necessidade humana profunda. Desde os tempos antigos, a maioria dos indivíduos busca no “sagrado” uma forma de atribuir sentido à existência. Rituais e mitos expressam essa ligação entre o homem e o transcendente. Segundo Mircea Eliade, a experiência do sagrado está presente nas sociedades humanas desde os períodos mais remotos, funcionando como uma tentativa de explicar a vida, o sofrimento e a morte. Nessa perspectiva, a busca pelo sagrado constitui uma via de respostas para os questionamentos fundamentais da existência: existe vida após a morte? Por que sofremos? Há céu e inferno? Ainda que não seja objetivo deste trabalho responder a tais

⁶ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 27-33.

⁷ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 61.

perguntas, reconhece-se que, para muitos indivíduos, a religiosidade oferece caminhos interpretativos por meio da fé, da crença ou da esperança.

Percebemos a força da religião, seja no âmbito do sagrado ou no seu papel social, pois ela acompanha o desenvolvimento humano desde os primórdios;⁸ Ao longo da história, as religiões foram se modificando, se adaptando e se difundindo, enquanto grandes tradições surgiam e outras desapareciam.⁹ Para o historiador, é importante observar justamente esses movimentos, porque é a partir deles que se abrem inúmeras possibilidades de estudo sobre práticas e modos religiosos. Esse olhar permite compreender não apenas a religião como crença, mas também os aspectos sociais dos grupos envolvidos, contribuindo tanto para o avanço das pesquisas na área religiosa quanto para entender melhor as sociedades que produziram essas crenças ao longo do tempo. Nesse sentido, João José Reis destaca que as práticas religiosas também são práticas sociais e precisam ser analisadas dentro das experiências e conflitos que moldam a vida dos grupos humanos.¹⁰

Dessa forma, entre as variadas vertentes religiosas que marcaram a trajetória da humanidade, exercendo influência não só espiritual, mas também cultural, política e social ao longo do tempo, temos o cristianismo. Como explica Leonardo Boff, o cristianismo não ficou preso apenas ao lado da fé, mas também ajudou a construir ideias e valores que guiaram muitos povos ao longo do tempo.¹¹ Ele surgiu a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo e foi ganhando espaço e influência, com suas variadas denominações, tendo em vista ser uma vertente que não está circunscrita a uma única tradição ou clero religioso, pois nos deparamos com o surgimento constante de várias denominações cristãs, como o catolicismo, o protestantismo e a ortodoxia. Entre essas linhas, uma que se destaca é o adventismo, que nasceu no século XIX com uma proposta de voltar às origens da Bíblia e com uma forte expectativa sobre a volta de Jesus.¹²

1.2 O movimento milerita e a trajetória de Guilherme Miller

O movimento milerita, que mais tarde daria origem aos diversos grupos pré-adventistas, formou-se em um ambiente marcado pelas intensas transformações religiosas do protestantismo norte-americano do século XIX. No entanto, alguns de seus pressupostos

⁸ DURKHEIM, Émile. *Op. cit.*, p. 37-45.

⁹ WEBER, *Op. cit.*, p. 269-275.

¹⁰ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 22-23.

¹¹ BOFF, Leonardo. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 11-14.

¹² WHITE, Ellen G. *O grande conflito*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008, p. 35.

remontam à própria Reforma Protestante, que inaugurou a ênfase no acesso direto às Escrituras, na crítica às tradições eclesiásticas e na busca por uma experiência de fé mais simples e pessoal.¹³ Esses princípios, fortalecidos ao longo dos séculos, abriram caminho para o interesse renovado pelas profecias bíblicas e pela expectativa da volta de Jesus, temas que se tornariam centrais nos movimentos de avivamento e que contribuíram decisivamente para o surgimento do milerismo no século XIX.

Segundo Schünemann, o adventismo norte-americano não emergiu como um fenômeno marginal ou desconectado da cultura religiosa de sua época. Pelo contrário, suas bases estavam profundamente ancoradas na tradição protestante e na “autonomia interpretativa” das Escrituras, intensificada pelo clima intelectual que valorizava a leitura individual e o emprego de métodos racionais de análise bíblica.¹⁴ O autor destaca que o Iluminismo, ao promover a crença no progresso humano, na ordem racional da história e na capacidade do indivíduo de alcançar conhecimento por investigação direta, moldou significativamente a experiência religiosa dos Estados Unidos no período. Esse ambiente possibilitou que movimentos de avivamento, como os do Segundo Grande Despertar, coexistissem com um crescente senso de sistematização e racionalização da fé.¹⁵

Nesse cenário, torna-se inteligível o aparecimento de interpretações proféticas que buscavam compreender a história universal a partir de um esquema lógico, ordenado e verificável. Guilherme Miller foi um dos expoentes mais notáveis dessa tendência. Como observa Figueiredo, seu método de estudo bíblico era marcado por uma “rigorosa leitura historicista”, apoiada na convicção de que as Escrituras continham uma cronologia interna capaz de ser demonstrada de forma quase matemática.¹⁶ Esse modelo de interpretação, embora não seja um produto exclusivo do Iluminismo, foi amplamente favorecido por ele, especialmente por sua confiança na razão e na ordem natural dos acontecimentos históricos.

O chamado “novo milerismo”, expressão utilizada por alguns autores para destacar essa fase específica do desenvolvimento do movimento,¹⁷ é caracterizado justamente pela articulação entre fervor religioso e racionalidade interpretativa. Em vez de se basear

¹³ MATOS, Alderi Souza de. *A Reforma Protestante*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

¹⁴ SCHÜNEMANN, Haller E. *História do Protestantismo no Brasil*. Curitiba: Editora Descoberta, 2014, p. 22-24.

¹⁵ O Segundo Grande Despertar foi um movimento de renovação religiosa que ocorreu nos Estados Unidos entre o final do século XVIII e meados do XIX. Marcado por grandes campanhas de pregação ao ar livre, ênfase no arrependimento pessoal e expansão das denominações protestantes, o movimento influenciou diversos grupos cristãos, incluindo aqueles que posteriormente deram origem ao adventismo.

¹⁶ FIGUEIREDO, Ana Cristina. *Os Adventistas do Sétimo Dia: Origens, Desenvolvimento e Práticas*. São Paulo: Unaspress, 2009, p. 31-33.

¹⁷ SCHÜNEMANN, Jacob M. *Adventismo e Modernidade: uma análise histórica das origens do pensamento adventista nos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Academia Cristã, 2014.

exclusivamente em experiências de avivamento emocional, o milerismo apresentou uma proposta de leitura bíblica que pretendia ser coerente sistemática e fundamentada em princípios hermenêuticos transparentes. Essa postura conferiu ao movimento uma feição interconfessional, atraindo indivíduos de diversas denominações protestantes que se identificavam com a ideia de que o estudo racional das profecias poderia revelar o momento culminante da história da salvação.

Schünemann reforça que o milerismo encontrou terreno fértil em uma sociedade que passava por um processo de democratização religiosa, no qual a circulação de impressos, panfletos e periódicos ampliava o acesso aos debates teológicos. O uso intensivo da imprensa, traço típico de movimentos influenciados pelo pensamento iluminista, foi decisivo para a rápida expansão da mensagem milerita.¹⁸ Para além de um discurso estritamente religioso, os mileritas adotaram uma retórica que combinava cálculo profético, leitura contextualizada da história e confiança no método.

Após o desapontamento de 1844¹⁹, que marcou profundamente a trajetória do movimento, o quadro se fragmentou em diferentes correntes pré-adventistas. Oliveira Filho, analisa que esse período posterior demonstra, mais uma vez, como o milerismo estava enraizado em uma tradição de estudo e investigação constante das Escrituras, pois a maioria dos grupos dissidentes não abandonou o método interpretativo original; ao contrário, revisou parâmetros, datas e fundamentos, preservando a ideia de que a compreensão profética é possível por meio de uma leitura disciplinada e racional.²⁰

Assim, o surgimento do movimento milerita e sua posterior reconfiguração não podem ser compreendidos apenas como um fenômeno de avivamento religioso. Trata-se de um produto típico da modernidade religiosa protestante: ao mesmo tempo emocional e racional devocional e metodológico, profundamente influenciado pelo Iluminismo e pelas transformações culturais do século XIX. O novo milerismo, enquanto expressão desse equilíbrio entre fé e método, lançou as bases para a formação dos grupos pré-adventistas que deram continuidade à expectativa da breve volta de Cristo, consolidando um legado teológico que marcaria de forma decisiva o adventismo posterior.

¹⁸ Ibidem. p. 29.

¹⁹ O chamado “Grande Desapontamento” refere-se à expectativa da volta de Cristo em 22 de outubro de 1844, baseada na interpretação de Daniel 8:14 por parte dos mileritas. Após o fracasso da data, um grupo reinterpretou o evento como a passagem de Cristo do Santo para o Santíssimo no santuário celestial, dando origem às correntes pré-adventistas sabatistas.

²⁰ OLIVEIRA FILHO, José Jeremias. Formação histórica do movimento adventista. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 157-179, 2004.

Além disso, estudos recentes, como os de Firino e Cavalcanti, reforçam que o milerismo não deve ser compreendido apenas como uma mobilização em torno da expectativa da volta iminente de Cristo, mas como um fenômeno religioso de grande alcance social, capaz de gerar desdobramentos institucionais diversos. Segundo os autores, o movimento “surgiu durante o século XIX e deu origem a várias denominações”, passando por uma fragmentação decisiva após o desapontamento de 1844.²¹ Essa leitura corrobora a ideia de que a reconfiguração pós-1844 não representou o fim do milerismo, mas a reorganização de seus princípios centrais, que continuaram a orientar novos grupos pré-adventistas e, posteriormente, o adventismo sabatista.

O surgimento do movimento milerita não pode ser compreendido sem considerar a trajetória pessoal de Guilherme Miller, cuja experiência religiosa influenciou significativamente a maneira como ele interpretou as profecias bíblicas. Nascido em 1782 em Pittsfield, Massachusetts, era fazendeiro, autodidata e leitor assíduo, tendo acesso desde cedo a obras de filosofia, história e religião, o que o colocou em contato com ideias iluministas difundidas por autores deístas amplamente lidos na época. Sua trajetória sofreu um marco significativo quando serviu como soldado na Guerra de 1812, conflito travado entre os Estados Unidos e o Império Britânico, no qual atuou como capitão na Batalha de Plattsburgh (1814), um dos confrontos decisivos que garantiram a defesa do território norte-americano na região do Lago Champlain.²² Essa experiência militar, frequentemente mencionada nas biografias de Miller, contribuiu para intensificar suas reflexões sobre finitude, moralidade e propósito humano, levando-o, anos depois, a retomar de forma sistemática o estudo da Bíblia. A conjunção entre sua formação intelectual prévia, marcada pela leitura disciplinada de textos históricos e filosóficos, e as inquietações despertadas pela guerra, formou o pano de fundo de seu futuro método de interpretação profética, estruturado, racional e atento à cronologia bíblica.

Embora sua formação inicial tenha sido marcada pelo contato com ideias deístas e pela influência iluminista, aspectos já discutidos no tópico anterior, sua conversão posterior representou um ponto de inflexão importante. Ao retornar para Low Hampton após a morte do pai, Miller passou a frequentar reuniões batistas e, ao ler um sermão em uma dessas ocasiões,

²¹ FIRINO, Daniel da Silva; CAVALCANTI, Carlos André Macedo. O movimento milerita e a origem das denominações adventistas. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 56-81, jan.-jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/37039>. Acesso em: 18 nov. 2025, p. 1.

²² DICK, Everett. *Fundadores da mensagem*. 5. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 7.

afirmou ter encontrado um novo sentido para as Escrituras, que voltaram a ser, para ele, uma fonte de revelação divina.²³

A partir desse momento, Miller iniciou um estudo disciplinado da Bíblia, que o levou a formular uma série de conclusões proféticas. Entre elas, duas tornaram-se centrais: a crença de que a volta de Cristo seria literal e iminente, e a convicção de que as profecias de Daniel continham uma cronologia histórica capaz de ser interpretada racionalmente. Mesmo convencido dessas ideias, Miller hesitou por quase nove anos antes de apresentá-las publicamente, temendo a oposição e a responsabilidade de anunciar algo de tamanha proporção. Apenas em 1831, com o apoio da Igreja Batista local, começou a pregar em diferentes regiões, dando origem ao movimento que, poucos anos depois, atingiria milhares de pessoas.

Esse período é frequentemente lembrado pela intensidade do engajamento missionário e pelo impacto das viagens de Miller e de seus colaboradores, especialmente por meio da circulação de impressos, característica fundamental da expansão milerita. Após o desapontamento de 1844, embora o movimento tenha se fragmentado, parte de seus seguidores manteve o método interpretativo original, revisando datas e compreendendo o acontecimento como um marco de reorientação teológica. Essa fase, frequentemente denominada “novo milerismo”, preservou tanto o rigor do estudo bíblico quanto a expectativa escatológica.

Embora Miller não tenha se tornado guardador do sábado, sua relevância histórica para o adventismo é incontestável. Sua metodologia, seu impacto missionário e sua capacidade de mobilização permanecem como elementos fundamentais para a construção da identidade adventista. Nesse sentido, como lembra Neves, a preservação da memória, mesmo quando marcada por lacunas, divergências ou limitações, é essencial para compreender os processos históricos e os personagens que contribuíram para a formação de uma tradição religiosa.²⁴ Reconhecer a centralidade de Miller, portanto, é também reconhecer a importância da memória histórica na reconstrução da trajetória que culminaria, décadas depois, na organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Além de Miller, outros nomes exerceram papéis decisivos no desenvolvimento posterior da denominação, como Ellen G. White, José Bates e John Andrews. Embora não aprofundados aqui, mencioná-los é registrar sua relevância para a consolidação da doutrina e

²³ Ibidem. p. 10.

²⁴ NEVES, Lucilia de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*, v. 3, 2000, p. 109.

da estrutura missionária que marcariam a história adventista nos Estados Unidos e, posteriormente, em outros países.

Ao observar o percurso do milerismo, desde sua formação em meio às transformações religiosas e intelectuais do século XIX até a reorganização pós-1844, percebe-se que esse movimento ultrapassou o caráter local e conjuntural que possuía em seus primeiros anos. A articulação entre fervor espiritual, método racional de interpretação e forte circulação de impressos levou, gradualmente, à consolidação do adventismo sabatista, que, nas décadas seguintes, se estruturou institucionalmente e expandiu suas ações missionárias. O resultado desse processo pode ser visto na amplitude alcançada pela denominação ao redor do mundo: presente em mais de duzentos países, com milhões de membros e uma rede internacional de escolas, hospitais e iniciativas sociais.

Esse fenômeno indica que o milerismo operou não apenas como avivamento pessoal ou emocional, mas como uma estrutura de mobilização coletiva articulada por crenças, publicações, redes de crentes e uma teologia compartilhada. A compreensão dessa dimensão social e institucional do milerismo fornece a base teórica necessária para acompanhar sua difusão fora dos Estados Unidos, passo que será abordado no próximo tópico, quando analisamos sua chegada e consolidação no Brasil.

1.3 Origens do Adventismo do Sétimo Dia e sua chegada ao Brasil

O movimento milerita viveu um episódio decisivo que, segundo seus seguidores, ficou conhecido como o “Grande Desapontamento”: a expectativa coletiva de que o retorno de Cristo ocorreria em 22 de outubro de 1844. Quando a data passou sem o acontecimento esperado, o choque foi profundo e as reações variadas — parte dos adeptos voltou às igrejas de origem, outros abandonaram a fé e um terceiro grupo permaneceu buscando novas interpretações. Foi desse último grupo que, paulatinamente, emergiu o adventismo sabatista, que se organizaria oficialmente em 1863. O clima de frustração e recriação doutrinária é bem ilustrado pelo testemunho da época:

Miller e Himes passaram o dia 22 de outubro de 1844 no lar do primeiro, em Low Hampton, Nova York. [...] O dia passou vagorosamente e novo dia amanheceu e também terminou. Novamente, ficaram desapontados. Tão forte fora a fé e tão certa a expectativa, que o desapontamento foi muito mais profundo que o da primavera. Além do próprio desapontamento, tiveram que enfrentar o golpe da crítica, da zombaria e do escárnio do mundo por terem guiado o povo num movimento que chegaria a tais resultados. Ao passar o tempo, Josué Himes, para quem a inatividade era pouco

menos que um castigo, partiu a fim de reunir os fragmentos do movimento, depois do grande desapontamento.²⁵

A crise de 1844 não representou o fim da expectativa escatológica, mas sim o início de uma reforma interpretativa: os remanescentes do milerismo reavaliaram premissas e cronologias, rearticularam práticas e preservaram a ênfase central na anunciação da segunda vinda de Cristo. Desde suas origens, portanto, a nova configuração adventista teve como marca a proclamação escatológica, sustentada por uma intensa atividade de produção e circulação de literatura religiosa, jornais, panfletos e livros, que acompanharam a pregação oral como instrumentos complementares de evangelização. A publicação da revista *Signs of the Times*, já no início da década de 1840, é exemplo dessa estratégia comunicacional: ela foi o primeiro periódico oficial do movimento milerita e circulou amplamente, sendo fundamental para a divulgação massiva da mensagem adventista.²⁶

No Brasil, a mensagem adventista tem seu início em Santa Catarina, especificamente na Vila de Brusque, que recebeu grande número de imigrantes alemães entre 1850 e o final do século XIX.²⁷ Esses movimentos migratórios foram incentivados pelo governo brasileiro, que divulgava na Europa propagandas prometendo novas oportunidades e acesso a terra. Somado a isso, a Alemanha vivia no século XIX um período de crises políticas e sociais que culminaram na unificação sob a hegemonia prussiana, em 1871. Esse contexto gerou instabilidade e impulsionou muitos a buscar uma nova vida fora da Europa.

Na Europa, especialmente na Alemanha, havia também transformações religiosas significativas. Grupos protestantes se reorganizavam constantemente, e muitos fiéis buscavam reafirmar suas crenças em meio às mudanças sociais. Como observa Prandi, a modernidade intensificou um cenário de pluralização e reconstrução de identidades religiosas, algo vivido de forma intensa por diversos grupos protestantes europeus.²⁸ Assim como o movimento de Miller, que se reestruturou após o Grande Desapontamento, muitas denominações buscavam manter viva sua esperança cristã em meio às tensões sociais e doutrinárias.

Quando o governo brasileiro incentivou a vinda de imigrantes europeus, sobretudo alemães, eles trouxeram consigo não apenas cultura e força de trabalho, mas também suas crenças. Isso contribuiu para a formação de um ambiente religioso mais diverso no país. Mendonça destaca que o protestantismo de imigração teve papel decisivo na pluralização

²⁵ DICK, *Op. cit.*, p. 50.

²⁶ HIMES, Joshua V. (Ed.). *Signs of the Times*. Boston: Joshua V. Himes, 1841.

²⁷ BORGES, Michelson. *A chegada do Adventismo ao Brasil*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005, p. 15.

²⁸ PRANDI, Reginaldo. *Religião, biografia e conversão*. São Paulo: FFLCH-USP, 1999, p. 1-4.

religiosa do Brasil no século XIX, especialmente nas regiões Sul e Sudeste, criando condições favoráveis para novas formas de expressão cristã.²⁹

Nesse contexto, o adventismo encontrou terreno fértil. Greenleaf, explica que a presença de comunidades alemãs, acostumadas a debates doutrinários e reorganizações internas, favoreceu a recepção da mensagem adventista tanto no plano internacional quanto no brasileiro. Esses imigrantes, vindos de experiências de fragmentação religiosa, contribuíram para que o adventismo se estabelecesse e se expandisse com relativa rapidez.³⁰

Ainda segundo Silva, os imigrantes alemães fundaram comunidades religiosas que buscavam preservar tradições espirituais mesmo longe da terra natal, mostrando que a fé acompanha o ser humano independentemente do ambiente. Além dos alemães, grupos como comerciantes ingleses também tiveram influência religiosa significativa, especialmente nas capitais litorâneas, onde fundaram a primeira igreja anglicana em 1819.³¹ Por fim, a queda do Padroado Régio em 1889 ampliou a liberdade religiosa no Brasil. Essa mudança, como aponta Mendonça, abriu espaço para o avanço do proselitismo protestante e colaborou para que movimentos como o adventismo crescessem sobretudo entre camadas médias e populares.³²

Além disso, a literatura desempenhou um papel fundamental no início do adventismo no Brasil. As primeiras revistas com a inscrição *Stimme der Wahrheit* (“A Voz da Verdade”) chegaram ao país nos primeiros meses de 1884, enviadas a partir de Battle Creek, nos Estados Unidos. A forma como esses impressos alcançaram os colonos alemães no Sul do Brasil é relatada de maneira curiosa: a versão mais aceita afirma que um jovem foragido chamado Borchardt, durante uma viagem rumo à Europa, manteve contato com missionários adventistas que distribuíam literatura em um navio alemão que fazia a rota Europa–América do Sul. Ao receber exemplares da revista, Borchardt forneceu aos missionários o endereço de seu sogro, Carlos Dreefke, um colono luterano residente em Brusque (SC).³³

Essas publicações se tornaram decisivas, pois, a partir do acesso a essa literatura, diversas famílias alemãs passaram a observar o sábado e chegaram inclusive a ser batizadas,

²⁹ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. *Revista USP*, n. 74, p. 160–173, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13610/15428>. Acesso em: 29 nov. 2025.

³⁰ GREENLEAF, Floyd. *A história do adventismo: uma perspectiva mundial*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

³¹ SILVA, Elizete. Protestantes no Brasil: entre a omissão e o engajamento político. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 24, n. 37, p. 126-148, ago., 2017.

³² MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2008, p. 87.

³³ CARVALHO, Francisco Luiz Gomes de. *A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: inserção e desenvolvimento institucional*. *Rev. PistisPrax*, Teol Pastor. Curitiba, v. 6, n. 3, p. 1057-1075, set./dez. 2014. p. 3 e 4.

mesmo antes da presença oficial de missionários adventistas em território brasileiro. Os primeiros obreiros estrangeiros desembarcaram somente na década seguinte: Albert B. Stauffer, em 1893; W. T. Thurston, em 1894; e os irmãos Alberto J. Berger e J. Frederico Berger, em 1895. Assim, a literatura antecedeu a presença missionária formal e preparou o terreno para o estabelecimento do adventismo no país.³⁴

Nesse sentido, percebemos que a literatura sempre esteve profundamente atrelada à divulgação religiosa adventista. Ao estudarmos a história das religiões, torna-se evidente que práticas, suportes e linguagens utilizados pelos grupos de fé revelam dimensões sociais mais amplas. No caso adventista, a literatura não apenas contribuiu para o avanço da mensagem e a expansão da denominação em outros países, como também foi fundamental para sua chegada ao Brasil. Ainda hoje, permanece como um dos principais meios de propagação doutrinária, como se observa no projeto Impacto Esperança, que promove anualmente a distribuição gratuita de livros em bairros, centros urbanos e espaços públicos, com exemplares produzidos pela Casa Publicadora Brasileira, fundada em 1900, que se tornou um dos principais polos de produção de literatura religiosa protestante no país, editora oficial da denominação.

No campo da história das religiões, a literatura constitui um elemento central para compreender a formação e o desenvolvimento de movimentos religiosos, especialmente aqueles de matriz protestante. Como demonstram Roger Chartier e François Lebrun, a cultura escrita desempenhou papel decisivo na constituição de comunidades de fé desde a Europa moderna, tanto no âmbito doméstico quanto no comunitário. Chartier destaca que a leitura é uma prática social capaz de moldar identidades, disciplinar comportamentos e fortalecer vínculos coletivos, especialmente em tradições que valorizam o estudo pessoal da Bíblia e de materiais doutrinários. Lebrun, por sua vez, evidencia que o protestantismo se estruturou pela circulação de impressos, catecismos, jornais, panfletos e revistas, que permitiram consolidar crenças e organizar comunidades mesmo em regiões afastadas dos centros eclesiástico.³⁵

Essa perspectiva europeia também encontra correspondência no contexto brasileiro, conforme analisa Ferreira, o protestantismo no Brasil se apoiou intensamente na leitura como base da vida devocional e na circulação de impressos como instrumento de organização

³⁴ Ibidem. p. 4

³⁵ CHARTIER, Roger. *As práticas da escrita*. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 2011. p. 113–162. LEBRUN, François. *As Reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal*. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 2011. p. 75–118.

comunitária.³⁶ No adventismo, esse vínculo com a literatura torna-se ainda mais evidente. A chegada dos primeiros materiais adventistas em 1884, exemplares da *Stimme der Wahrheit* distribuídos entre imigrantes alemães em Brusque, revela a força da circulação impressa como veículo missionário.³⁷ Antes mesmo de qualquer missionário pisar em solo brasileiro, famílias passaram a guardar o sábado, estudar doutrinas e organizar práticas comunitárias exclusivamente por meio da leitura. Esse fenômeno reflete de forma direta as análises de Chartier e Lebrun sobre a potência transformadora dos impressos religiosos.

Essa relação entre literatura e difusão da fé também pode ser observada em diferentes regiões do Brasil, onde impressos adventistas circularam entre famílias de distintas tradições religiosas, incluindo católicas. Esse dado reforça um ponto enfatizado pela historiografia: obras religiosas impressas muitas vezes ultrapassam fronteiras denominacionais, integrando-se ao cotidiano de diversas comunidades. O fato de livros e revistas adventistas terem alcançado áreas rurais e urbanas distantes evidencia que a literatura não funciona apenas como ferramenta de proselitismo, mas também como um fenômeno cultural mais amplo. Assim, tanto no cenário nacional quanto no local, a leitura, entendida como prática social e religiosa mostrou-se decisiva para a expansão e consolidação do adventismo no Brasil.

Diante desse cenário, torna-se possível perceber que a religião, nesse período, atravessava múltiplas dimensões, sociais, históricas e culturais. No campo histórico-social, a movimentação migratória e as transformações políticas do século XIX, tanto na Europa quanto no Brasil, criaram um ambiente de instabilidade, mas também de novas possibilidades, em que grupos buscavam preservar tradições e reconstituir modos de crer. No aspecto religioso-teológico, a crise provocada pelo Grande Desapontamento impulsionou a reorganização do movimento adventista e fortaleceu uma leitura bíblica centrada na esperança escatológica. E, no âmbito cultural-identitário, a fé serviu como elo de coesão entre imigrantes, ajudando a manter valores, práticas e vínculos comunitários.

A presença adventista no Brasil consolidou-se com a chegada do pastor Frank H. Westphal em 1894, cujas atividades missionárias resultaram, no ano seguinte, no batismo de Guilherme Stein Jr. (1871–1957) e na organização da primeira igreja adventista em Gaspar Alto, Santa Catarina, em 15 de junho de 1895. A partir desse núcleo inicial, o adventismo

³⁶ FERREIRA, João Cesário Leonel. *História da Leitura e Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/top/midias_noticias/editora/Amostras/Hist%C3%B3ria_da_leitura_e_protestantismo_brasileiro_AMOSTRA.pdf Acesso em: 28 nov. 2025

³⁷ CARVALHO, *Op. cit.*, p. 3-4.

expandiu-se por meio de publicações, instituições educacionais e obras de saúde, alcançando progressivamente diversas regiões do país, inclusive o Nordeste e, posteriormente, no município de Jacobina-BA, foco desta pesquisa.³⁸

³⁸ GONÇALVES, Daniel. Primeiro templo adventista do Brasil completa 125 anos. **Notícias Adventistas**, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/primeiro-templo-adventista-do-brasil-completa-125-anos/> . Acesso em: 2 dez. 2025.

CAPÍTULO II

ADVENTISMO EM JACOBINA

2.1 Protestantes na Bahia

A presença protestante na Bahia precisa ser compreendida dentro de um processo mais amplo de transformações políticas, econômicas e culturais que marcaram o Brasil ao longo do século XIX. Embora o catolicismo tenha sido, desde a colonização, a religião oficialmente vinculada ao Estado, situação reforçada pelo sistema do Padroado, a entrada de novos grupos religiosos se deu de maneira gradual, impulsionada por mudanças estruturais que afetaram a relação entre Estado e religião.

Com a abertura dos portos em 1808 e, posteriormente, com a assinatura do Tratado de Comércio e Navegação entre Portugal e Inglaterra, em 1810, surgiram às primeiras brechas legais que permitiram aos súditos britânicos exercer o culto religioso em território brasileiro. Como destaca Teixeira, esse tratado assegurava aos ingleses o direito ao culto privado, inclusive com a construção de templos que se assemelhassem a residências e não utilizassem sinos. Apesar de restrito, esse direito representou uma ruptura significativa com o monopólio da fé católica, criando precedentes fundamentais para o futuro estabelecimento de outras denominações cristãs.³⁹

Essas transformações, entretanto, não ocorreram sem resistência. A própria Igreja Católica, representada pela autoridade do Núncio Apostólico, buscou anular parte dos dispositivos do tratado, evidenciando a tensão entre o modelo religioso tradicional e o avanço de um pluralismo emergente. Apesar da resistência, a instalação de comunidades anglicanas e a chegada de comerciantes ingleses contribuíram para a circulação de novas ideias e novas formas de vivência religiosa.

Silva observa que o protestantismo começou a se estabelecer de forma mais sistemática no Brasil ao longo da primeira metade do século XIX, impulsionado tanto pela abertura política quanto pelos fluxos migratórios europeus. Ingleses, alemães e norte-americanos começaram a fundar templos e pequenas comunidades religiosas, especialmente nas capitais e regiões com maior movimentação comercial. Na Bahia, a presença anglicana foi particularmente significativa, não por seu caráter evangelístico, mas por representar um marco no processo de diversificação do campo religioso.⁴⁰ Embora já seja possível compreender esse

³⁹ TEIXEIRA, Marli Geralda. *Os batistas na Bahia (1882–1925): um estudo de história social*. 1975. 282 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975, p. 16, 17.

⁴⁰ SILVA, *Op. cit.*, p. 129-130.

processo a partir do panorama apresentado, Silva descreve de maneira precisa como essas transformações abriram caminho para a presença protestante sistemática no Brasil. Nas palavras da autora:

A presença sistemática do protestantismo, no Brasil, ocorreria na primeira metade do século XIX, em decorrência de uma conjunção de fatores de ordem econômica e política, destacando-se a abertura dos portos às nações amigas, isto é, à Inglaterra em 1808, e a imigração europeia a partir do período joanino. Os ingleses adentraram o País como comerciantes nas grandes cidades e instalaram a Igreja Anglicana em 1819 no Rio de Janeiro, Bahia, Recife, Belém e outras cidades onde havia empreendimentos e negócios de britânicos.⁴¹

Nesse contexto de abertura política e reconfiguração do campo religioso brasileiro, outras denominações protestantes passaram a estruturar sua atuação no país. A chegada posterior de presbiterianos e batistas ampliou esse quadro. Os presbiterianos, como destacam Nesias Santos e Natan Silva⁴², realizaram um trabalho ativo de distribuição de Bíblias, patrocinado por juntas missionárias americanas, constituindo assim um dos primeiros movimentos de evangelização protestante efetiva no país. Já os batistas iniciaram seus trabalhos na Bahia ainda no final do século XIX, consolidando sua presença por meio de estratégias missionárias, visitas itinerantes e organização de igrejas locais. Com destaque para a cidade Salvador, Senhor do Bonfim e Campo Formoso, Esses municípios desempenharam um papel estratégico na circulação de missionários, colportores e materiais impressos, contribuindo para a expansão dos batistas pelo território baiano.

Essas múltiplas presenças contribuíram para modificar gradualmente o cenário religioso baiano. Se antes predominava uma estrutura homogênea marcada pela hegemonia católica, o século XIX testemunhou o surgimento de um campo religioso mais complexo, caracterizado pela competição simbólica e pela circulação de novos discursos religiosos. Esse processo transformativo redefiniu fronteiras de convivência religiosa e abriu novas possibilidades de atuação missionária que se expandiriam no início do século XX

No processo mais amplo de consolidação do protestantismo na Bahia, a atuação batista desempenhou um papel importante na estruturação do campo missionário no final do século XIX. Figuras como Thomas Jefferson Bowen, ainda que com resultados limitados, simbolizam o esforço inicial de inserção batista no Brasil. Anos depois, com a chegada de missionários como W. B. Bagby, Z. C. Taylor e do convertido Antônio Teixeira de

⁴¹ Ibidem.

⁴² SANTOS, Nesias Joaquim dos; SILVA, Natan Fernandes. *Contando nossa história: 110 anos a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Estado da Bahia (1905-2015)*. Salvador, BA: EGBA, 2019, p. 42.

Albuquerque, o trabalho ganhou maior estabilidade e alcance, contribuindo para a criação de redes de circulação de impressos, contatos locais e rotas missionárias. Essa presença batista, ao lado da atuação presbiteriana e metodista, ampliou a diversidade religiosa do estado e preparou um terreno mais receptivo, ainda que desafiador, para a entrada de novas denominações, entre elas o adventismo, já na virada para o século XX.

2.2 A inserção do adventismo na Bahia

A inserção do adventismo na Bahia precisa ser compreendida dentro do cenário religioso já comentado anteriormente, marcado pela forte presença do catolicismo, pelas práticas das religiões de matriz africana e pela lenta inserção do protestantismo histórico. Desde o período colonial, a religião católica esteve associada ao poder político e ao controle simbólico do território, o que resultou tanto no apagamento das crenças nativas quanto na perseguição e marginalização das expressões afro-brasileiras. Mesmo assim, como observa Reginaldo Prandi, a Bahia sempre se caracterizou por um campo religioso plural e resistente, no qual tradições afro-brasileiras se mantiveram vivas apesar da repressão colonial.⁴³ Somado a isso, já havia a atuação de anglicanos, presbiterianos, metodistas e batistas, que pouco a pouco modificavam o campo religioso da região.

É nesse cenário, onde conviviam tensões e mudanças, que surge a pergunta: será que o adventismo encontraria espaço em terras baianas? Como acontece com outras denominações recém-chegadas, a resposta exige olhar para a história e para seus personagens, pois nenhuma igreja se estabelece no vazio. Assim como os batistas realizaram um trabalho de reconhecimento do território antes de estruturarem suas ações missionárias, os adventistas seguiram um caminho semelhante, como destacam Santos e Silva ao mencionar a atuação do pastor F. W. Spies. Segundo esses autores:

O plano de Spies era fazer uma viagem de reconhecimento pelo vasto território do novo campo (Campo Norte, com sede no Rio de Janeiro e que incluía a Bahia), com o objetivo de levantar informações úteis à implantação das ações evangelísticas na região.⁴⁴

Essa viagem ocorreu em 16 de setembro de 1906 e foi registrada pelo próprio missionário em seu diário, publicado depois na Revista Adventista, o que torna essa fonte especialmente importante para entender os primeiros movimentos do adventismo na Bahia.

⁴³ PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 11-25.

⁴⁴ SANTOS; SILVA. *Op. cit.*, p. 44-45.

Um trecho do diário mostra bem essa etapa de sondagem, que lembra muito os primeiros passos dos batistas no estado:

Há muito que projetávamos ir à Bahia, a fim de visitar os irmãos que desde muito tempo estão guardando o sábado do Senhor naquele Estado. [...] Lembro-me de quando cheguei à capital da Bahia, no dia 19 do mesmo mês, uma quinta-feira. Como as circunstâncias não permitiam seguir imediatamente para o interior, aproveitei a sexta-feira como oportunidade para percorrer algumas partes da cidade e visitar algumas famílias, e fiquei muito favoravelmente impressionado quanto à Bahia como campo de trabalho. [...] ⁴⁵

Assim como aconteceu com os batistas, o adventismo percebeu na Bahia um campo missionário promissor, apesar dos desafios. Vale lembrar que, à época, Salvador ainda era conhecida como “Cidade da Bahia” e funcionava como porta de entrada para o interior. Portanto, a viagem de Spies não foi apenas exploratória: ela marcou o primeiro contato institucional da denominação com uma região onde já havia pessoas guardando o sábado antes mesmo de existir uma igreja adventista organizada. É o caso de Antônio Leôncio da Penha, mencionado por Ribamar Diniz, que teria começado a estudar a Bíblia em 1904 e, posteriormente, sido batizado por Spies em 1907 junto com familiares, gesto que simboliza o início oficial do adventismo na Bahia. Poucos anos depois, em 1911, seria fundada em Ilhéus a primeira congregação adventista do Nordeste.⁴⁶ Esses episódios mostram que o adventismo não entrou na Bahia como algo totalmente novo, mas dialogando com pessoas que já buscavam uma compreensão diferente da fé cristã. Segundo Rubem César Fernandes, processos de diversificação protestante como esses fazem parte de um movimento maior de transformação religiosa no Brasil, marcado pela circulação de discursos, disputas simbólicas e reorganização das práticas de fé.⁴⁷ Isso ajuda a entender por que, mesmo em um ambiente de hegemonia católica, havia abertura para novas denominações no início do século XX.

Em 1919, a estrutura adventista avançou com a organização da Missão Baiana, com a chegada de Ayres Ferreira Paes (primeiro diretor de colportagem), do obreiro Manuel Pereira da Silva e do pastor Frank Chollar. A colportagem ⁴⁸ com o trabalho de difusão de livros religiosos e visitas domiciliares foi fundamental para que a mensagem chegasse a áreas

⁴⁵ Ibidem, p. 45-46.

⁴⁶ SANTOS; SILVA. *Op. cit.*, p. 64.

⁴⁷ FERNANDES, Rubem César (org.). *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Campus, 2009, p. 184.

⁴⁸ Colportagem refere-se à atividade exercida pelos colportores, também derivada do francês (*colportage*), e designa o método de difusão itinerante de literatura religiosa por meio da venda direta. No âmbito da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a colportagem constituiu uma estratégia importante de divulgação doutrinária, contribuindo para a formação de grupos religiosos, o interesse pela mensagem adventista e a consolidação de comunidades antes da institucionalização formal das igrejas.

urbanas e rurais, contribuindo para a expansão no estado. Assim, a chegada do adventismo à Bahia tem importância histórica não apenas por representar a presença de mais uma denominação cristã, mas porque ajuda a compreender como o campo religioso baiano se diversificou no início do século XX. O adventismo introduziu novos métodos, novas redes de circulação de literatura religiosa e novas formas de organização comunitária, tornando-se parte da história das transformações religiosas que marcaram aquele período.

2.3 A implantação do adventismo em Jacobina: agentes e estratégias

Situada no extremo norte da Chapada Diamantina, Jacobina destaca-se por sua paisagem marcada por serras, morros, rios — como o Itapicuru e o Rio do Ouro — e cachoeiras que hoje atraem visitantes de diversas regiões. Conhecida como “Cidade do Ouro”, o município teve seu desenvolvimento inicial ligado à exploração aurífera iniciada no século XVII, a partir da presença dos bandeirantes. Para facilitar o transporte do minério e de outros produtos, a Coroa portuguesa criou no século XVIII a Estrada Real, também chamada de Trilha do Ouro, que ligava Jacobina a Rio de Contas, permitindo o escoamento da produção até Salvador. Restos dessa antiga rota permanecem preservados como parte do patrimônio histórico local. Segundo o censo de 2024 do IBGE, a cidade possui 86.649 habitantes.

Entretanto, esta pesquisa recua às décadas de 1940 a 1980, período em que o adventismo passa por um processo gradual de organização e oficialização no município. Ao longo dessas décadas, a presença adventista se desenvolveu em meio a diferentes contextos sociais e políticos, acompanhando as transformações vividas pela cidade. Mais especificamente no final da década de 1970, esse processo coincidiu com o cenário nacional de abertura política e de expectativa pela redemocratização do país, quando se discutia o retorno do governo civil após o regime militar. O jornal *A Palavra*, publicação de destaque na cidade, registrou em 3 de novembro de 1979 como esse debate era acompanhado também pelos jacobinenses, evidenciando a inserção da comunidade local e, por extensão, dos grupos religiosos nas discussões políticas do período:

O Projeto de Reforma Partidária encontra-se no Congresso Nacional “chocado” e deverá ser aprovado, no seu todo ou em parte, dentro de breves dias. Ninguém tem dúvidas a esta altura de que a política brasileira chegou no momento de sofrer modificações que se fizeram necessárias e exigidas pelo tempo presente, para que o País possa andar e encontrar as sendas que o conduzirão a melhores dias, como resultado de um progresso assar abrangente. [...] Espera-se que depois de examinado o Projeto, sejam retiradas as falhas e os entraves, para que surjam novos partidos, de imediato, sejam derrubadas as

sublegendas e em 1982 as eleições sejam diretas, também para governadores.⁴⁹

A partir dessa nota, percebe-se como a cidade acompanhava os debates nacionais, mostrando que temas políticos faziam parte do cotidiano dos leitores. Além disso, o ano de 1980 foi muito simbólico, pois, comemorava-se o centenário de sua elevação ao título de cidade e o Jornal A Palavra trazia a partir do dia 5 de janeiro matérias com a menção a data comemorativa como “A Palavra” saúda Jacobina no seu centenário, “1980 Jacobina ano cem”.⁵⁰

No campo religioso, surgem outras questões importantes: como estava a presença protestante em Jacobina na década de 1970 e início de 1980? As denominações buscavam consolidação? Quais estratégias eram empregadas? Um registro do jornal *A Palavra*, datado de 2 de junho de 1973, ajuda a compreender esse cenário ao noticiar a visita do Rev. Albérico Alves de Sousa, Secretário Regional da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). Sua chegada mobilizou igrejas locais e incentivou a divulgação de Bíblias e literatura religiosa.⁵¹ Além da palestra na Igreja Batista, o evento resultou na criação do Diretório Municipal da Sociedade Bíblica, composto por representantes de diversas igrejas. Esse movimento reforça a estratégia protestante de uso da literatura como meio de evangelização, algo já identificado por Teixeira, para quem jornais, boletins e impressos eram fundamentais para consolidar comunidades protestantes no Nordeste.⁵²

A Igreja Católica, por sua vez, mantinha forte presença simbólica e social, especialmente por meio de festas tradicionais como a do padroeiro Santo Antônio, destacando a pluralidade religiosa de Jacobina. Como lembra Reginaldo Prandi, contextos como o da Bahia apresentam um campo religioso marcado pela diversidade e pela convivência, por vezes tensa, entre diferentes expressões de fé.⁵³

Antes de sua oficialização, o adventismo já realizava ações na sede da cidade e em sua zona rural. De acordo com Santos e Silva, a Ata da Missão Bahia-Sergipe de 1º de novembro de 1945 registra que os colportores Osvaldo Bastos e Daniel Pereira Filho atuavam em

⁴⁹ CONGRESSO Debate Reforma Partidária. *A Palavra*, Jacobina, Ano VII, 03 de novembro de 1979, nº 265. p. 1.

⁵⁰ SUGESTÕES do Começo de uma Nova Década. *A Palavra*, Jacobina, Ano VII, 05 de Janeiro de 1980, nº 274. p.1.

⁵¹ VISITARÁ Jacobina o Secretário da Sociedade Bíblica. *A Palavra*. Ano I, Jacobina, 02 de Julho de 1973, nº2 p. 1.

⁵² TEIXEIRA, *Op. cit.*, p. 64.

⁵³ PRANDI. *A realidade*, *Op. cit.*, p. 11-25.

Jacobina e nos povoados vizinhos, difundindo livros e folhetos.⁵⁴ Essa estratégia, típica da Igreja Adventista, precedia a instalação de templos e buscava identificar interessados na mensagem bíblica, como já ocorrera em outras regiões do estado.

Em 1948, mesmo sem membros ou pastor fixo, a sede da igreja em Salvador decidiu que Jacobina seria distrito e deveria receber ações de evangelização. Em 1950, o colportor Jorge de Deus foi enviado à cidade com o livro *O Mundo do Futuro*, meta que reforçava o uso da literatura como instrumento missionário, prática que reconhece como fundamental nas denominações protestantes para formar redes de circulação e estabelecer vínculos locais.⁵⁵ Somente em 1954 o distrito recebeu seu primeiro pastor, Corino Pires da Silva. Contudo, o trabalho na sede urbana encontrou dificuldades, enquanto os povoados de Caatinga do Moura e Fazenda Pasto Novo apresentaram resultados mais positivos, sobretudo pela existência de escolas adventistas nesses locais. Mesmo após a saída do pastor Corino, metas de batismo foram mantidas, mas a consolidação na sede municipal permaneceu limitada. Em 1957, os aspirantes Joaquim dos Santos Cunha e Trajano Gonçalves retomaram o trabalho, novamente por meio da colportagem. Ainda assim, o núcleo adventista de Jacobina, que funcionava na casa da irmã Amábília, acabou fechado no final da década de 1970.⁵⁶

Uma nova tentativa ocorre em 1971, quando a Ata nº 85 da Missão Bahia-Sergipe nomeia o pastor Plácido Rocha Pita para reabrir o distrito. A partir dessa decisão, a presença adventista começa a ganhar mais estabilidade. No final da década de 1970, a atuação de João Sousa e Natanael Rodrigues, ambos colportores, renovou o interesse da população local e fortaleceu o trabalho missionário.⁵⁷

O ano de 1980 marca um momento decisivo. Conferências evangelísticas realizadas pelos pastores Zinaldo Azevedo e Emérico Café impulsionaram o crescimento da igreja, somando-se à nomeação de Carlos Alves da Silva como responsável pelo recém-criado distrito. Como veremos mais adiante, relatos de testemunhas oculares demonstram como essas conferências desempenharam papel crucial na consolidação do adventismo em Jacobina.⁵⁸

Para a reconstrução da História faz-se necessária a busca de fragmentos do passado. Na ausência de fontes escritas, recorri às fontes orais para produzir este trabalho, uma vez que

⁵⁴ SANTOS; SILVA. *Op. cit.*, p. 133.

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ SANTOS; SILVA. *Op. cit.*, p. 134.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Ibidem.

a preservação ou reconstrução do passado é imprescindível para evitar o esquecimento, preocupação esta presente já no pensamento dos gregos antigos. Segundo Neves:

No mundo contemporâneo, muito se tem escrito e discutido sobre a faculdade humana de lembrar e rememorar. Entre os diferentes tipos de memória, destaca-se a memória social ou histórica, que, de acordo com Marilena Chauí, é fixada por uma sociedade através de mitos fundadores, relatos, registros e depoimentos². Para o historiador, esse tipo de memória constitui um processo social ativo essencial tanto para a produção de novas fontes quanto para a preservação da documentação existente. Compreendendo a função social da memória histórica como suporte da identidade coletiva, cabe ao historiador estimular e contribuir para que as condições de registro possam se efetivar de forma permanente.⁵⁹

Assim, os testemunhos de sujeitos que fizeram parte da história do adventismo em Jacobina são fundamentais para a conservação e construção desse acontecimento religioso. A oralidade também se mostra indispensável no campo da História. Para Alessandro Portelli, as fontes orais não são excludentes em relação às fontes escritas. Cada uma possui características próprias e funções que somente ela pode desempenhar.⁶⁰ Paul Thompson confirma essa visão ao afirmar que a história oral amplia o acesso de grupos antes invisíveis ao registro histórico, democratizando a produção da memória.⁶¹ No Brasil, Ecléa Bosi contribui ao demonstrar como a lembrança pessoal é atravessada por valores, crenças e experiências sociais que moldam a narrativa.⁶²

Nesse sentido, devido à ausência de fontes escritas detalhadas sobre os primeiros anos do adventismo em Jacobina, a oralidade torna-se instrumento que complementa e enriquece a produção histórica, contribuindo para evitar o apagamento das vivências que moldaram a presença da denominação na cidade.

A chegada do adventismo em Jacobina está profundamente ligada à atuação de pessoas simples, que, por meio de encontros, estudos bíblicos, conferências e colportagem, contribuíram para que a denominação se estabelecesse. Nesta pesquisa, as informações foram obtidas por meio de entrevistas com três personagens que vivenciaram esse processo e guardam memórias importantes do movimento: José Pereira da Silva⁶³, Edvaldo Barbosa de

⁵⁹ NEVES, *Op. cit.*, p. 110.

⁶⁰ PORTELLI, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios de história oral*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p. 15-22.

⁶¹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 25-30.

⁶² BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 39-44.

⁶³ Nascido em 29 de setembro de 1942, em Sento Sé (BA). Antes de adventista, era católico não praticante. Seu primeiro contato com a mensagem ocorreu em Carnaíba, Pindobaçu, no ano de 1978, após adquirir o livro *A Vida de Jesus* do colportor José Otávio. A partir dali, estudou a Bíblia e foi batizado no mesmo ano.

Araújo⁶⁴ e Nelson Costa Ribeiro⁶⁵. Essas três fontes orais possibilitaram reconstruir aspectos fundamentais do processo de implantação da denominação na cidade.

A arrancada que mudou a história do adventismo em Jacobina ocorreu após uma série de conferências no início da década de 1980, realizadas no terreno onde hoje está o templo da Igreja Adventista Central de Jacobina, vizinho ao serviço de atendimento ao cidadão (SAC). Nessa série houve alguns batismos, o que gerou a necessidade de um local maior para reunir os novos conversos.

Antes da construção do templo, porém, como esses primeiros membros se organizavam? Como eram as conferências? E como a mensagem adventista foi divulgada na cidade? Para responder a essas questões, recorreremos às entrevistas.

O primeiro conjunto de experiências que ilumina o processo de chegada e consolidação do adventismo em Jacobina tem início com o relato de José Pereira da Silva (Zé Pereira). Antes de se tornar adventista, era católico não praticante, seu contato com a mensagem adventista ocorreu em 1978, na comunidade de Carnaíba, distrito de Pindobaçu (BA), quando adquiriu o livro *A Vida de Jesus* através do colportor José Otávio, vindo de Senhor do Bonfim. A partir dessa literatura, iniciou estudos bíblicos com Antônio Magalhães e foi batizado no mesmo ano. Em suas palavras:

Foi na Carnaíba através do colportor José Otávio, ele chegou em minha casa e me vendeu o livro *A Vida de Jesus* e após isso tinha um irmão lá que já tinha um grupo da Igreja Adventista, o irmão Antônio Magalhães foi quem me deu estudo bíblico, aí já me batizei no ano 78.⁶⁶

O livro *A Vida de Jesus* ocupou posição de destaque nas estratégias denominacionais, funcionando como ferramenta-chave de evangelização e alcançando expressivo número de interessados. Esse uso reforça que a colportagem foi decisiva para a expansão adventista em localidades onde a instituição ainda não possuía templos ou presença pastoral estruturada.⁶⁷ O próprio percurso da literatura em Jacobina confirma essa dinâmica: desde 1957, colportores como Joaquim dos Santos Cunha e Trajano Gonçalves visitavam a região divulgando o mesmo material.

⁶⁴ Nascido em 3 de março de 1959 no município de Mundo Novo (BA). Morador local, também presenciou os primeiros movimentos evangélicos e participou das atividades iniciais da igreja na década de 1980.

⁶⁵ Nascido em 31 de março de 1960 no Serrote atual município de Serrolândia (BA), que no período de seu nascimento era povoado de Jacobina. Outro pioneiro que acompanhou conferências, primeiros estudos e o desenvolvimento das reuniões antes mesmo da construção de um templo adventista.

⁶⁶ SILVA, José Pereira da. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina: 29 de junho 2023.

⁶⁷ SANTOS; SILVA. *Op. cit.*, p. 134.

Ao ser questionado sobre como a denominação começou a ser anunciada na cidade, Zé Pereira destacou que, na ausência de templo, a colportagem foi a principal via de divulgação. Segundo ele: “a Igreja (templo) na verdade não existia, é na verdade a nossa programação de evangelho foi na colportagem. Então, depois da colportagem foi que surgiu a série de conferência aqui em Jacobina, e aí nasceu a igreja Adventista.”⁶⁸

As primeiras conferências ocorreram nas proximidades do local onde atualmente se encontra a Igreja Adventista Central, organizadas pela Associação Brasileira do Bem-Estar Integral (ABBI), entidade especializada em evangelismo público. Como relata: “Foi feita pela ABBI, um departamento que trabalhava com evangelismo público. [...] Foi montada uma cabana, um circo, como um sistema de circo.”⁶⁹

Esse modelo de evangelização dialoga diretamente com a lógica histórica da circulação religiosa no Brasil. Como observa Prandi, a diversidade do campo religioso brasileiro sempre esteve associada à presença de agentes itinerantes, impressos, pregadores e estratégias de difusão que ultrapassavam os limites institucionais formais.⁷⁰ No caso adventista, a literatura funcionou como mediação central, característica também ressaltada por Ellen G. White, ao afirmar que livros, revistas e folhetos alcançam lugares onde a voz pastoral não pode chegar, tornando-se essenciais para o avanço da fé.⁷¹

Assim, o relato de Zé Pereira confirma tanto a força da colportagem quanto a relevância das conferências públicas organizadas pela ABBI, que constituíram os primeiros mecanismos efetivos de estruturação adventista em Jacobina. Além disso, evidencia como essas ações impactaram a vida do próprio entrevistado, que posteriormente passou a atuar como colporteur e ministrar estudos bíblicos, reproduzindo o padrão de expansão que, segundo Teixeira, sempre sustentou as missões protestantes na Bahia desde o século XIX.⁷²

Dando continuidade ao processo de reconstrução histórica da presença adventista em Jacobina, o relato de Nelson Costa acrescenta elementos importantes sobre o início da formação da comunidade local. Sua trajetória revela que o adventismo chegou à região não apenas por meio de colportores, mas também através da circulação de membros vindos de localidades vizinhas, especialmente do distrito do Junco. Ao narrar seu primeiro contato com a mensagem, Nelson destaca:

⁶⁸ SILVA, José Pereira da. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina: 29 de junho 2023.

⁶⁹ Ibidem, Jacobina: 29 de junho 2023.

⁷⁰ PRANDI. *A realidade*, *Op. cit.*, p. 11-25.

⁷¹ WHITE, Ellen G. *Obreiros Evangélicos*. Tatuí: CPB, 2009, p. 4.

⁷² TEIXEIRA, Edivaldo. *Protestantismo na Bahia*. Salvador: UFBA, 2001, p. 80.

O meu primeiro contato com a mensagem adventista foi no Junco (distrito de Jacobina) a gente fala Jacobina porque o Junco é município de Jacobina, foi lá onde eu conheci a Igreja Adventista, tinha apenas 8 anos de idade, entrei na igreja e fiquei até hoje. Eu entrei na igreja com 8 anos e me batizei com 14 anos em 74, em Campo Verde (povoado de Quixabeira) no congresso que teve lá. Eu quando cheguei aqui em Jacobina, cheguei com 5 anos, no Junco, aí me batizei com 14 anos, fui pra igreja com 8 e me batizei com 14 anos, e quando foi, já andava aqui pra Jacobina, nesse período Jacobina não tinha nenhuma Igreja Adventista. Um dia, lá no Junco, a gente conversando com pastor Pedro Marinho, que foi o primeiro pastor de Capim Grosso, ele falou o seguinte: a gente vinha fazer um trabalho missionário em Jacobina, então a gente saía da igreja do Junco, para vim aqui para Jacobina distribuir folhetos.⁷³

O relato evidencia um aspecto recorrente da presença adventista na Bahia: o papel das comunidades vizinhas como polos irradiadores de novas iniciativas missionárias. Esse movimento dialoga com o que Teixeira, descreve sobre o protestantismo baiano do século XX: pequenas comunidades frequentemente assumiam a função de difundir mensagens religiosas por meio de redes informais e da circulação de fiéis, especialmente em regiões ainda desprovidas de templos.⁷⁴

Além disso, a prática mencionada por Nelson, saída missionária para distribuir folhetos, reforça a centralidade da literatura no processo de evangelização adventista. Assim como no caso de Zé Pereira, a ausência de templo físico em Jacobina fez com que o trabalho voluntário e a distribuição de impressos assumissem papel estruturante na formação do grupo. Essa dinâmica se aproxima do que Santos e Silva, apontam como característica marcante da denominação desde o início do século XX: a expansão sustentada por colportores, missionários leigos e iniciativas locais, antes mesmo da chegada de obreiros oficiais.⁷⁵

O próprio relato de Nelson encontra fundamentação teórica no pensamento de Ellen G. White, para quem a literatura é capaz de alcançar espaços inacessíveis à pregação pastoral tradicional. Segundo a autora, livros, revistas e folhetos “devem ser distribuídos em todos os lugares”, pois não há como prever qual semente frutificará primeiro.⁷⁶ A experiência jacobinense confirma essa lógica: em uma cidade ainda sem estrutura institucional adventista, foram justamente os impressos que abriram caminho para a formação das primeiras reuniões e, posteriormente, para as conferências públicas da ABBI.

⁷³ RIBEIRO, Nelson Costa. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina: 04 de julho 2023.

⁷⁴ TEIXEIRA, Edivaldo. *Op. cit.*

⁷⁵ SANTOS; SILVA. *Op. Cit. P.133.*

⁷⁶ WHITE, Ellen G. *Op. cit.*, p. 4.

Ao articular a memória oral com a literatura acadêmica, percebe-se que a expansão adventista em Jacobina seguiu o mesmo padrão observado por Prandi, ao analisar o campo religioso brasileiro: o crescimento das religiões ocorre tanto pelas instituições formais quanto por redes de circulação, mobilidade e estratégias comunitárias, que permitem a inserção gradual de novos grupos em territórios marcados por diversidade e disputa simbólica.⁷⁷

Assim, o relato de Nelson complementa o de Zé Pereira ao mostrar que a consolidação do adventismo na cidade dependeu de um conjunto articulado de práticas: colportagem, distribuição voluntária de literatura, deslocamentos missionários e, posteriormente, eventos públicos que deram visibilidade à denominação. Juntos, esses elementos compõem a base do processo de implantação da fé adventista em Jacobina antes mesmo da existência de um templo físico.

Outra indagação que norteou esta pesquisa dizia respeito à localização dos primeiros encontros eclesiais antes da construção do templo adventista em Jacobina. Para esclarecer esse período inicial, os entrevistados foram questionados sobre suas memórias e vivências, e seus relatos convergem para aspectos importantes da formação do grupo. Nelson recorda que esse processo começou ainda no final de 1974 para o início de 1975:

Aqui não tinha adventista, o único adventista que tinha aqui era a mãe do irmão Jotan, mas era membro de casa, não era de igreja. Ela congregava em casa. A gente começou a fazer a distribuição de folhetos, e logo encontramos uma irmã Laudilina, mãe da irmã Alice de Capim Grosso. Ela morava na Serra de Carnaíba, mas veio morar em Jacobina. Estávamos distribuindo folhetos e a encontramos na Rua São Salvador. Ela pediu para fazer uma Escola Sabatina na casa dela. Eu estava com outro jovem, voltamos para procurar nossos líderes do Junco, irmão Emiliano e irmão Zuza, e marcamos uma Escola Sabatina à tarde na casa dela. Com quinze dias realizamos a primeira escola, ainda em 1974. Assim começou o primeiro grupo adventista em Jacobina.⁷⁸

O relato de Nelson revela que a formação inicial do adventismo na sede municipal se deu a partir da iniciativa de fiéis do Junco, mostrando como pequenos povoados tiveram papel importante na difusão da denominação. Esses primeiros grupos atuavam como verdadeiros pontos de partida, criando laços, fazendo visitas e movimentando a mensagem para além de seus próprios limites. Assim como aconteceu com outras denominações protestantes, o adventismo nesse período dependia muito das redes informais de circulação, das caminhadas,

⁷⁷ PRANDI. *A realidade*, *Op. cit.*, p. 11-25.

⁷⁸ RIBEIRO, Nelson Costa. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina: 04 de julho 2023.

das conversas de casa em casa e das relações construídas no cotidiano das comunidades rurais.

Edvaldo também oferece elementos essenciais sobre essa fase embrionária:

Quando tive o primeiro contato com a Igreja Adventista, não era realmente uma igreja; era um grupinho de 10 a 12 pessoas. Esse grupo se reunia nas imediações da Rua dos Veteranos, no bairro da Bananeira. Depois, passou para a Rua da Embasa, perto do fórum e das escolas Oásis e Yolanda. Logo após isso, me deparei com um trabalho da igreja numa tenda de lona chamada de Associação Brasileira do Bem-Estar Integral (ABBI). Nessa tenda se realizavam programas religiosos, mas também atividades de ajuda a pessoas viciadas em drogas, cigarros e bebidas. Tínhamos até um programa ‘Como deixar de fumar em cinco dias’. Realizamos muitos trabalhos assim. Foi dessa forma que o adventismo iniciou seu trabalho aqui na cidade. Mas até aí eu ainda não era batizado.⁷⁹

Percebe-se que o trabalho iniciado na década de 1940 com a colportagem ganhava maior consistência no final da década de 1970 e início dos anos 1980. A literatura, o voluntariado e a persistência dos colportores formaram a base da expansão adventista na região, ideia que reforça que a denominação, ao longo do século XX, cresceu por meio de agentes leigos, pequenos núcleos domésticos e iniciativas locais. Contudo, na ausência de um templo próprio, a improvisação dos espaços de culto tornou-se uma característica desse período. Zé Pereira explica que as primeiras reuniões ocorreram em locais cedidos ou alugados: Zé Pereira: “As primeiras Escolas Sabatinas e cultos foram na minha casa, na Rua Tiradentes, na Serrinha. Depois alugamos um salão também na Rua Tiradentes.”⁸⁰ Ao ser perguntado sobre as mudanças de local, ele complementa: “Depois alugamos um ponto na Rua dos Veteranos, onde o quarteto Vale do Éden veio inaugurar. De lá saímos para a Rua da Embasa, aí foi quando veio o pastor Emérico Café. Depois disso iniciaram-se as séries de conferências.”⁸¹

Essas conferências, promovidas pela ABBI, marcaram uma virada na visibilidade da denominação na cidade. Segundo os relatos, as apresentações públicas atraíram grande número de participantes, resultando em conversões e no fortalecimento do grupo, inclusive com a chegada de novos membros vindos de outras localidades. Com esse crescimento, iniciou-se o processo de construção do templo. Zé Pereira recorda: “No início da década de

⁷⁹ ARAÚJO, Edvaldo Barbosa d. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina: 04 de julho 2023.

⁸⁰ SILVA, José Pereira da. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina: 29 de junho 2023.

⁸¹ Ibidem.

1980, assim que terminou a série de conferências, o terreno já foi comprado e começaram a construção. Depois foi lançada a pedra fundamental.”⁸²

Nelson acrescenta um dado de grande relevância histórica:

Aquela irmã que pediu para fazer a Escola Sabatina, a irmã Laudilina, foi quem comprou o terreno e doou para a igreja. Ela não teve o privilégio de ver tudo concluído porque faleceu. Em 1º de janeiro de 1983 foi inaugurada a Igreja Adventista Central de Jacobina.⁸³

Edvaldo também destaca o apoio recebido:

Teve o apoio da Associação Bahia e uma ajuda muito generosa do irmão Leovegildo e da irmã Epifania, que eram da Igreja Presbiteriana e se converteram ao adventismo. Eles doaram o muro da frente da igreja, que era grande e comprido.⁸⁴

Ribeiro e Silva registram informações semelhantes, indicando que, após a nomeação do pastor Carlos Alves da Silva para o recém-criado distrito de Jacobina, as Lojas Santana contribuíram financeiramente para a aquisição do terreno e construção do templo, cuja organização inicial envolveu Homero Almeida Sousa, Sônia Maria Gomes Sousa e Olímpio Moura de Araújo.⁸⁵

Ocorrem, portanto, divergências entre os relatos orais e os documentos oficiais quanto aos responsáveis pela compra do terreno e pelo financiamento da construção do primeiro templo. Essa discrepância revela um desafio característico do trabalho historiográfico: diferentes memórias produzem diferentes versões do passado. Como observa Neves, cabe ao historiador comparar narrativas, analisar lacunas e compreender que o esquecimento não é um defeito da memória, mas parte inseparável do processo histórico, tornando a reconstrução do passado uma tarefa ética e interpretativa.⁸⁶

Em suma, os historiadores são movidos por um imperativo ético que os motiva a impedir que a memória histórica se perca no fluxo contínuo do presente. Ao reunir versões distintas e analisá-las de maneira consistente, tornam a memória um fundamento do conhecimento histórico e também da projeção do futuro. Assim, o historiador atua contra o esquecimento e a diluição das identidades, elementos que marcam profundamente a modernidade.

Essa reflexão se articula com a perspectiva de Rubem Alves, para quem as instituições religiosas são fruto de experiências de fé vividas antes da existência de qualquer templo. Para

⁸² Ibidem.

⁸³ RIBEIRO, Nelson Costa. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina: 04 de julho 2023.

⁸⁴ ARAÚJO, Edvaldo Barbosa de. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina: 04 de julho 2023.

⁸⁵ RIBEIRO, Nelson Costa. SILVA, José Pereira da. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina: 04 de julho 2023.

⁸⁶ NEVES, *Op. cit.*, p. 115.

Alves, “a igreja nasce primeiro no coração”, e só depois se transforma em construções, regras e estruturas.⁸⁷ Isso ajuda a compreender o caso jacobinense: muito antes do templo inaugurado em 1983, já existiam redes de encontros domésticos, colportores, pequenos grupos e uma comunidade em formação. A experiência religiosa veio primeiro; a instituição se edificou depois.

Não há dúvidas de que, após os esforços iniciais para implantação da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) em Jacobina, a denominação seguiu avançando e se consolidando. Hoje são cerca de 600 membros distribuídos em nove templos próprios, além de um espaço alugado para reuniões na sede do município, e uma escola filantrópica que atende da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, com mais de 500 alunos. Para além da dimensão espiritual, percebe-se também uma presença social ativa, parte importante da filosofia adventista.

Assim, ao reunir relatos orais, documentos institucionais e contribuições teóricas, este capítulo buscou compreender o processo de implantação e consolidação do adventismo em Jacobina, destacando as estratégias missionárias, os agentes envolvidos e os desafios estruturais enfrentados nas primeiras décadas. A análise demonstrou que a formação da comunidade adventista local resultou de esforços coletivos (formais e informais) e de práticas de fé que antecederam a existência de um templo físico, compondo uma trajetória marcada por mobilização, persistência e memória. Ao registrar essas experiências, reforça-se não apenas a importância da preservação histórica desse percurso, mas também sua relevância para o entendimento mais amplo do campo religioso baiano e das dinâmicas de expansão protestante no interior do estado.

⁸⁷ ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 25.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste trabalho permitiu compreender de maneira ampla como o adventismo se formou enquanto movimento religioso, como se expandiu em território brasileiro e, de modo particular, como se estabeleceu no município de Jacobina-BA. A partir dos aportes teóricos, foi possível perceber que toda expressão religiosa emerge de contextos históricos específicos, como lembra Mircea Eliade ao afirmar que o ser humano, desde seus primórdios, busca constantemente formas de se relacionar com o sagrado. Tal perspectiva se articula com as contribuições de Durkheim, para quem a religião constitui um fato social, inseparável das transformações coletivas. Assim, estudar o adventismo não significou apenas examinar sua doutrina, mas de forma ampla compreender como modos de crer, valores e práticas se reorganizam historicamente e influenciam a vida em comunidade.

Com a base teórica e histórica apresentada, percebemos como esses processos mais amplos apareceram no território baiano. A presença protestante na Bahia abriu caminhos para novas denominações, e a viagem do pastor F. W. Spies, em 1906, marcou os primeiros contatos oficiais do adventismo com o Estado. Entretanto, como revelado pelas próprias anotações de viagem, já existiam pessoas interessadas na mensagem antes mesmo da chegada de missionários, pois a literatura já divulgava a mensagem. Essa característica reforça a ideia de que a expansão adventista seguiu tanto ações planejadas quanto movimentos espontâneos de indivíduos e pequenos grupos.

Ao observar a história de Jacobina, percebemos que o adventismo não começou a partir de uma estrutura pronta, mas da atuação de colportores, encontros em casas, conferências e iniciativas de membros que, mesmo sem muitos recursos, mantiveram a organização e o interesse nas Escrituras. Os relatos orais de José Pereira, Nelson Costa e Edvaldo Barbosa mostraram que, antes do templo inaugurado em 1983, já existia uma comunidade viva, reunida e comprometida. A memória dessas pessoas foi fundamental para recuperar detalhes que não aparecem em documentos escritos e para mostrar que a fé se constrói no cotidiano, nas relações e na perseverança dos seus participantes.

Dessa forma, o estudo ajudou a reconstruir um período pouco registrado da história religiosa da região e a valorizar a participação de pessoas simples, mas essenciais para a consolidação do adventismo local. A pesquisa também ampliou o entendimento sobre como movimentos religiosos se adaptam, crescem e ganham forma em diferentes localidades.

Por fim, a relevância desta pesquisa reside na preservação da memória daqueles que participaram dos primeiros passos do adventismo em Jacobina. Diante da escassez de fontes escritas, as narrativas aqui reunidas tornam-se essenciais para evitar o apagamento dessas experiências. Ainda há espaço para novas investigações, especialmente sobre o impacto social da denominação na cidade, o papel das mulheres na formação do grupo, a expansão para bairros e povoados e a relação entre adventismo e outras expressões religiosas locais. Registrar essa história, portanto, não significa apenas compreender o passado, mas fortalecer a memória coletiva e contribuir para estudos futuros sobre o campo religioso baiano.

FONTES

Periódicos

Jornal *A Palavra*. Acervo digital do NECC/UNEB.

Depoimentos orais

RIBEIRO, Nelson Costa. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina, 04 jul. 2023.

ARAÚJO, Edvaldo Barbosa de. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina, 04 jul. 2023.

SILVA, José Pereira da. Entrevistado por: Ruibergue Souza Pereira. Jacobina, 29 jun. 2023.

Internet

Sacrilegens – Revista de Estudos de Religião (PPGCR/UFJF).

Revista USP (Universidade de São Paulo).

MACKENZIE. Editora da Universidade Presbiteriana Mackenzie – Acervo Digital.

Notícias Adventistas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ARMSTRONG, Karen. *Uma História de Deus: do início ao fim das principais tradições religiosas*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 (ed. original: *A History of God*, Knopf, 1993).
- BOFF, Leonardo. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BORGES, Michelson. *A chegada do Adventismo ao Brasil*. Tatuí-SP, Casa Publicadora brasileira, 2005.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARVALHO, Francisco Luiz Gomes de. *A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: inserção e desenvolvimento institucional*. Rev. PistisPrax, Teol Pastor. Curitiba, v. 6, n. 3, p. 1057-1075, set./dez. 2014.
- CHARTIER, Roger. *As práticas da escrita*. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 2011.
- DICK, Everett. *Fundadores da mensagem*. Tatuí-SP, Casa Publicadora brasileira, 5ª edição-2007.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa. o sistema totêmico na Austrália* / Émile Durkheim; tradução Paulo Neves São Paulo: Martins Fontes, 1996-(Coleção Tópicos).
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (4ª ed. 2018).
- FERNANDES, Rubem César (org.). *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Campus, 2009.
- FERREIRA, João Cesário Leonel. *História da Leitura e Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/top/midias_noticias/editora/Amostr as/Hist%C3%B3ria_da_leitura_e_protestantismo_brasileiro_AMOSTRA.pdf Acesso em: 28 nov. 2025
- FIGUEIREDO, Ana Cristina. *Os Adventistas do Sétimo Dia: Origens, Desenvolvimento e Práticas*. São Paulo: Unaspres, 2009.
- FIRINO, Daniel da Silva; CAVALCANTI, Carlos André Macedo. *O movimento milerita e a origem das denominações adventistas*. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 56-81, jan.-jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/37039>. Acesso em: 18 nov. 2025.

GONZÁLEZ, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo: A era dos reformadores até a era inconclusa*. 2. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011. (Coleção: História Ilustrada do Cristianismo, vol. 9).

GONÇALVES, Daniel. *Primeiro templo adventista do Brasil completa 125 anos*. *Notícias Adventistas*, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/primeiro-templo-adventista-do-brasil-completa-125-anos/>. Acesso em: 02 dez. 2025.

GOULD, Ellen White. *O Grande Conflito: Nova Luz na América*. Tatuí-SP, Casa Publicadora brasileira, 1ª nesse formato edição-2008.

GOULD, Ellen White. *O Colportor Evangelista: Nova Luz na América*. Tatuí-SP, Casa Publicadora brasileira, 1ª nesse formato edição-2008.

GREENLEAF, Floyd. *A história do adventismo: uma perspectiva mundial*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

HIMES, Joshua V. (ed.). *Signs of the Times*. Boston: Joshua V. Himes, 1841.

LEBRUN, François. *As Reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal*. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 2011.

MATOS, Alderi Souza de. *A Reforma Protestante*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura*. *Revista USP*, n. 74, p. 160–173, 2007.

NEVES, Lucilia de Almeida. *Memória, história e sujeito: substratos da identidade*. In: *História Oral, Revista da Associação Brasileira de História Oral*, 3 (2000).

OLIVEIRA, Eduardo Pedro de. *A chegada do Adventismo em Alagoas*. Trabalho de conclusão do curso (Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Alagoas. Maceió, 2018.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias. *Formação histórica do movimento adventista*. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 157-179, 2004.

PETERS, José Leandro. *A história das religiões no contexto da história cultural*. *Revista Discente do programa de pós-graduação em História- UFJF*, v.1, n. 1. Jan/Jun. 2015.

PORTELLI, A. *O que faz a história oral diferente*. Projeto História, São Paulo, (14), de fevereiro, 1997.

PORTELLI, Alessandro. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios de história oral*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p. 15-22.

- PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. *Religião, biografia e conversão*. São Paulo: FFLCH–USP, 1999.
- PRANDI, Reginaldo. *Religião e sociedade na Bahia*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 1996.
- REIS, J. Pereira. *Breve História dos*. Casa Publicadora Batista – Rio de Janeiro 2ª edição 1979.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SANTOS, Nesias Joaquim dos. SILVA, Natan Fernandes. *Contando nossa história: 110 anos a Igreja Adventista do Sétimo Dia no Estado da Bahia (1905-2015)*. Salvador, BA: EGBA, 2019.
- SCHUNEMANN, Haller E. S. *O Tempo do Fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*. São Bernardo do Campo, UMESP, 2002. [tese de doutorado]
- SCHÜNEMANN, Jacob M. *Adventismo e Modernidade: uma análise histórica das origens do pensamento adventista nos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Academia Cristã, 2014.
- SILVA, Eliane Moura da. *Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania*. Revista de Estudos da Religião Nº 2 / 2004.
- SILVA, Elizete. *Protestantes no Brasil: entre a omissão e o engajamento político*. Revista *Esboços*, Florianópolis, v. 24, n. 37, p.126-148, ago., 2017.
- SMITH, Huston. *As Religiões do Mundo: Nossas grandes tradições de sabedoria*. São Paulo: Cultrix, 4ª ed., 2009. 368 p. (Obra original em inglês: *The World's Religions*, 1958).
- TEIXEIRA, Edivaldo. *Protestantismo na Bahia*. Salvador: UFBA, 2001
- TEIXEIRA, Marli Geralda. *Os batistas na Bahia. 1882-1925. Um estudo de historia social 1975*. 282 p. (Dissertação de Mestrado).
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
COLEGIADO DE HISTÓRIA - DCH4 - UNEB/C4/DCH/HISTORIA

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezessete dias do mês de dezembro de dois mil e vinte cinco, às 14h horas, na sala 7, foi realizada a defesa do trabalho de conclusão de curso do discente **RUIBERGUE SOUZA PEREIRA**, do curso de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, situado à rua J.J. Seabra, cento e cinquenta e oito, nesta cidade de Jacobina, reuniram – se os Docentes **PROF. DR. VALTER GOMES SANTOS DE OLIVEIRA** (Orientador), **PROF^a DR^a ELISÂNGELA OLIVEIRA FERREIRA**, (examinadora) e **PROF^a DR^a JOANA MEDRADO NASCIMENTO** (examinadora), para compor a Banca de Defesa Pública do discente, tendo como título da Monografia “**A CHEGADA DO ADVENTISMO EM JACOBIA-BAHIA (1980)**”.

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, ficou definido que o trabalho foi considerado aprovado, com nota 9,0. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 15 horas e 40 minutos, e eu, Valter Gomes Santos de Oliveira (Professor - Orientador), lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora.

Observações: A Banca considera o trabalho apresentado bem escrito e atende às exigências de uma Monografia de graduação. Todavia, solicita um ajuste no escopo temporal e revisão do título para atender a dimensão da pesquisa, sugerindo o seguinte: O Adventismo e sua difusão em Jacobina (BA) entre as décadas de 1940 e 1980.

Assinaturas:

(Orientador)

(Examinadora) (Examinador)



Documento assinado eletronicamente por **Valter Gomes Santos de Oliveira, Professor**, em 17/12/2025, às 20:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014.



Documento assinado eletronicamente por **Elisangela Oliveira Ferreira, Professor**, em 17/12/2025, às 22:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014.



Documento assinado eletronicamente por **Joana Medrado Nascimento, Professor**, em 18/12/2025, às 16:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **00129809565** e o código CRC **08289877**.

Referência: Processo nº 074.7884.2025.0096909-81

SEI nº 00129809565

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE TRABALHO
DE CONCLUSÃO DE CURSO**
() **Monografia** () Artigo () Dissertação () Tese

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, a disponibilizar por meio do Repositório Institucional Saber Aberto, endereço eletrônico: <http://saberaberto.uneb.br/>, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra supracitada, para fins de divulgação e de preservação digital da produção científica brasileira, a partir desta data.

Identificação:

Autor	Ruibergue Souza Pereira
E:mail	Ruiberguepereira@gmail.com
Título	A chegada do Adventismo em Jacqui- na - Bahia (1980).
Orientador (a)	Walter Gomes Santos de Oliveira
Campus/Curso/ Programa	Campus IV - Licenciatura em História
Data de defesa	17 de dezembro de 2025

LICENÇA DE DIREITO AUTORAL

Na qualidade de titular dos direitos de autor do conteúdo supracitado, autorizo a Universidade do Estado da Bahia a disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença pública Creative Commons, Licença 4.0 Unported por mim declarada sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial da obra? () Sim () Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim

() Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença

() Não

A obra continua protegida por direito autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Ruibergue Souza Pereira
Assinatura do Autor

26 / 04 / 2026
Data de autorização.